**INTRODUÇÃO**

O papel das mulheres na cozinha sempre remeteu ao trabalho doméstico circunscrito na sociedade patriarcal, que visava o incremento de suas habilidades para o gerenciamento do lar, enquanto o espaço público era destinado aos homens, com atividades que refletiam sua virilidade, força física e superioridade (1). Apesar de terem ocorrido transformações e as mulheres começarem a ocupar espaços antes pouco ocupados, ainda existem posicionamentos ligados ao conservadorismo do pensamento que continuam presentes dentro da esfera gastronômica, entre esses, está o de que as atividades na cozinha devem ser voltadas aos homens, uma vez que, supostamente, mulheres carregam o peso histórico do “sexo-fraco”, atribuição que nasceu através da distinção biológica entre os gêneros, e que não teriam a capacidade física para manter-se no ofício (2)(3). Diante disso, surgem questionamentos acerca da importância da discussão de políticas que busquem mudar o quadro atual no que se refere ao tratamento que as cozinheiras recebem no ambiente profissional. O presente artigo busca retratar as vivências das mulheres inseridas na gastronomia, ligando situações atuais com questões sociais historicamente retratadas, buscando entender o porquê da gastronomia ainda ser um ambiente majoritariamente masculino.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Para este artigo, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de obter material para contextualização. Em um segundo momento, foi realizado um questionário aplicado a alunas e ex-alunas do curso de gastronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, tendo como foco situações que as mesmas poderiam ter vivido ou presenciado dentro da temática proposta. Para tanto, foi utilizada a plataforma Google Formulários, o questionário continha 7 questões, que tinham como função entender os percalços vividos pelas participantes no que se refere a situações geradas devido a cultura do machismo no ambiente gastronômico, onde foram obtidas 23 respostas nas quais foram baseados os resultados deste artigo.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A história da inserção das mulheres na esfera social está ligada a história da alimentação, já que, no que se refere ao âmbito profissional, a presença das cozinheiras ainda seja marginalizada, a figura feminina está ligada às cozinhas. Essa imagem ainda é predominante, uma vez que a ideia de funções atribuídas por gênero permanece, sendo as que demandam força atribuídas aos homens e as de cuidados as mulheres, que de acordo com a sociedade devem ser “treinadas” desde cedo para realizarem tais incubências(4). Pouco se encontra sobre mulheres na literatura referente a gastronomia, onde os ambientes citados são postos como unicamente masculinos. Sobre essa dominação masculina, as respostas da maioria, representadas por 87% das participantes, foi positiva e, 56,7% afirmaram já ter presenciado ou vivido situações movidas por esse tipo de pensamento, relatando assédio sexal ou moral por parte de colegas de classe, professores e no ambiente de trabalho. Essa desigualdade é explicada pela estruturação numa base hierárquica, onde o trabalho feminino é sempre considerado inferior ao do homem(4). Só com a Revolução Industrial e as duas grandes guerras, que a mulher passou a ocupar espaços no mercado de trabalho, uma vez que os homens estavam nas batalhas, em um período no qual também começou a surgir movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, que buscava mudar a visão de direitos e deveres das mulheres, bem como, as funções que estas poderiam exercer em sociedade, nesse momento a mulher passa a exercer papéis na esfera pública, antes vistos como exclusivamente masculinos(6). Quando questionadas acerca dessa representatividade da mulher na gastronomia, conquistada através do tempo, a maioria das respostas do questionário dizem ver o crescimento no número de mulheres que são reconhecidas, mas acreditam que muito deve ser feito para que situações que envolvem assédio físico e moral, entre outras situações, sejam mudadas. Acerca disso, a literatura mostra que apesar das mulheres possuírem certa liberdade, essa emancipação dos direitos não veio unida com a igualdade, isso se estende do meio social ao profissional, dado que, ainda que assumam determinadas posições nas cozinhas profissionais, nota-se que, as posições, geralmente, são inferiores às dos homens, sendo raras as ocasiões nas quais as mulheres que estejam no topo da hierarquia da cozinha possuam devido reconhecimento, a exemplo do pequeno quantitativo de chefs do gênero feminino entre os principais nomes da gastronomia, como pode ser visto no Guia Michelin 2018 da França, país que é dado como o berço da gastronomia, onde apenas duas mulheres estão entre os chefs estrelados(7). Isso mostra que a visão de mulher como cozinheira do lar, permanece presente, uma vez que as chefs que alcançam um lugar entre os principais nomes são intituladas “menina prodígio”, isso pode ser atribuído, também, a divisão histórica dos trabalhos de cunho público e privado, que atribui ao gênero feminino a ocupação de “dona de casa” e ao homem de provedor, salientando a ideia de que o trabalho ideal para as mulheres é o doméstico, acabando por fortalecer o discurso de que existem funções e espaços femininos e masculinos(4). Quanto ao futuro das mulheres na gastronomia, as participantes dizem acreditar que com ações que busquem conscientizar os profissionais da área e a sociedade, a realidade das profissionais da gastronomia será diferente.

**CONCLUSÃO**

A partir do presente artigo, foi possível concluir que assim como descrito na literatura, a maioria dos problemas associados ao domínio patriarcal na profissão é intrínseco à esfera social, indo além da graduação e do ambiente de trabalho, deste modo, a problemática deve ser tratada como um todo. Ademais, ainda que o campo da gastronomia seja um espaço hostil para as mulheres, muitas ainda acreditam que transições estão acontecendo e que oportunidades, como estar entre os grandes nomes da gastronomia, estão crescendo, mas que deve-se prosseguir com o exercício de luta por direitos iguais assim como em movimentos feministas que iniciaram suas mobilizações no passado e permanecem resistentes hodiernamente.

**REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO**

(1) RESENDE, Ana Marcelina; MELO, Marlene Catarina. LUGAR DE MULHER É NA COZINHA? uma análise com Chefs mulheres sob a lógica da dominação masculina. *In*: **IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**, 2016, Porto Alegre.

(2) ROSA, Mislene Aparecida Gonçalves; QUIRINO, Raquel. Silenciadas e invisibilizadas: relações de gênero na indústria têxtil. **Revista Diversidade e Educação, v. 6, n. 1, Jan.-Jun, p. 67-77**, Belo Horizonte, 2018.

(3) CASTRO, Mariana Ribeiro; MAFFIA, Lyovan Neves. Gênero na Cozinha Profissional. **EanPAD**, Rio de Janeiro, 2012.

(4) HIRATA, Helena. Classe, gênero, raça e movimentos sociais: a luta pela emancipação. *In*: **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, UFMA, Maranhão, 2017.

(6)VENTURINI, Maria Cleice. GODOY, Ana Carolina de. Da Beleza ao Talento: Novas formas de representação do feminino na gastronomia. Programa de Pós-graduação em Letras. UNICENTRO. Entremeios: Revista de Estudo dos Discursos. V. 15, 2017. Disponível em:<<http://www.entremeios.inf.br/published/454.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019

(7) PINTO, Célia Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,2003. Coleção História do Povo Brasileiro.

(8) MICHELIN RESTAURANTS. Les restaurants étoilés du guide MICHELIN 2018. Disponível em: <<https://restaurant.michelin.fr/magazine/les-restaurants-etoiles-du-guide-michelin-2018#navbar>>. Acesso em: 16 mai. 2019